

INTERSECCIONALIDADES ÉTNICO-RACIAIS, DE GÊNERO E RELAÇÃO COM O SABER

ETHNIC-RACIAL INTERSECTIONALITIES, OF GENDER AND RELATIONSHIP WITH KNOWLEDGE

INTERSECCIONALIDADES ÉTNICO-RACIALES, DE GÉNERO Y RELACIÓN CON EL SABER

Luciana Venâncio¹
Luciano Nascimento Corsino²

As relações humanas no mundo contemporâneo reconfiguram-se de forma perene à medida que são gerados questionamentos e dúvidas a respeito de como enfrentar determinados obstáculos para promover mudanças efetivas na condição humana quando questões étnico-raciais, de gênero impedem o reconhecimento das potencialidades humanas diante das relações de poder que questionam determinados saberes. A temática desse dossiê explicita a nossa preocupação enquanto pesquisadora e pesquisador com aspectos que permitam fomentar e pensar a interseccionalidade enquanto categoria de análise das relações étnico-raciais e nas questões de gênero que implicam as fronteiras e aproximações conceituais das práticas educativas e suas relações com os saberes em diferentes campos investigativos.

A interseccionalidade é um conceito contemporâneo que tem ganhado espaço nos debates e nas pesquisas acadêmicas brasileiras. Para além de um conceito estático, a interseccionalidade permite às pesquisadoras e aos pesquisadores uma dinâmica analítica ampliada para aprofundamento de aspectos de determinados fenômenos humanos que exigem uma constante escuta e abertura para provocar e valorizar transgressões em contextos marcados pelo sexismo e pelo racismo que impedem que determinadas relações

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, com Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professora no Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Ceará e no Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade do Rio Grande do Norte. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar e Relações com os Saberes.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2903-7627> Contato: luvenancio@ufc.br

² Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Educação, Antirracismo, Gênero e Juventude.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2591-5472> Contato: luciano.corsino@hormail.com

com os saberes rompam com as diferenças hierarquizadas. Nesse sentido, entendemos que evidenciar as interseccionalidades presentes nas relações étnico-raciais e de gênero provoca uma série de mo(vi)mentos de deslocamento das/dos/des sujeitos para olhar o mundo, suas relações e ressignificações de sentido.

O dossiê busca reflexões sobre como perspectivas interseccionais articulam marcadores sociais da diferença defendidos por intelectuais como Lélia Gonzalez, com a intenção de questionar e desconstruir o pensamento sobre o mito da democracia racial. Tal pensamento toma o racismo e o sexismo na constituição da formação social e cultural brasileira como fonte para manter a mulher negra na base de sustentação das opressões. A intelectual brasileira antecipa nos anos oitenta do século XX a perspectiva interseccional quando situa o contexto de uma América-afro-latina para analisar raça, classe e gênero antes das noções apresentadas por intelectuais norte americanas como Angela Davis, Patrícia Hill Collins, Kimberle Crenshaw, bell hooks dentre outras. No nosso entendimento é Lélia Gonzalez que promove aproximações dos olhares de várias(os) intelectuais para ressignificar as abordagens nos campos de investigações que tomam a interseccionalidade como categoria da análise concreta e não como metáfora ou categoria provisória.

O mundo contemporâneo escancarou a condição humana forjada na desigualdade social, na discriminação racial, no apagamento de histórias e memórias – gênero e étnica – ao mesmo tempo em que viu emergir movimentos de lutas e resistências em diferentes campos educacionais e de formação humana. Os desafios para enfrentamento de ações de resistência permitiram aproximações de fronteiras do conhecimento como forma de reconfigurar os campos e relações com o saber. A teoria da relação com o saber, proposta por Bernard Charlot, coloca-se como uma, dentre outras, possibilidades de ler o mundo ao mesmo tempo em que se convive com outros seres humanos que enfrentam obstáculos epistemológicos, sociais e identitários para explicitar os sentidos e os significados de ser e estar no e com o mundo diante das questões de gênero, raça, classe e outros marcadores sociais.

Reunimos nesse dossiê temático onze artigos de autoras e autores de diferentes regiões brasileiras que compartilharam seus modos e razões para situar e ampliar o debate

sobre a importância da interseccionalidade enquanto um conceito materializado nas práticas e nos objetos de saberes das pesquisas apresentadas nos artigos.

A professora-pesquisadora **Naiara Chierici Rocha** discute em seu artigo intitulado “MULHERES COMO (RE)EXISTÊNCIA EM SUAS PRÓPRIAS REALIDADES: UMA INTERSECÇÃO COM A MEMÓRIA E SUAS RELAÇÕES COM O SABER” (ROCHA, 2022) a relação com o saber de quatro mulheres e professoras por meio de narrativas autobiográficas como dispositivo de resgatar suas memórias para situar a noção de uma teoria que busca desvelar os modos de ser estar na profissão, a constituição de suas identidades, as mobilizações realizadas para atribuição de sentido ao próprio trabalho e momentos de reflexão de si mesmas, dos seus lugares e tempos próprios.

O segundo artigo de responsabilidade de **Gabriele Alves Garcia, Jacques André Grings, Luciano Nascimento Corsino, Daniel Luciano Gevehr**, sob título “É POSSÍVEL EDUCAR PARA AS RELAÇÕES RACIAIS? ANALISAMOS AS POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS EM UM CURSO SUPERIOR DE GESTÃO” (GARCIA et al., 2022), apresenta a análise das práticas pedagógicas com foco nas relações raciais utilizadas em curso Superior de Tecnologia em Processos Gerenciais. Os/As autores/as ancorados na lei 10.639/03 e no processo histórico das conquistas do movimento negro brasileiro, revelam que a legislação precisa ter seu papel reconhecido para melhor compreensão e tentativa de resposta à questão: Por que as práticas pedagógicas não contemplam as relações raciais? Nesse sentido, chegam a conclusão que é histórica a tentativa de silenciamento e apagamento das reivindicações e conquistas de setores colocados à margem bem como o desconhecimento por parte dos docentes da importância dos marcos legais e movimentos históricos de reparação das desigualdades. Destacam a relevância das ações afirmativas do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiro e Indígena (NEABI) e a necessidade de formação docente continuada sobre as questões raciais.

A professora-pesquisadora **Darlene Fabri Ferreira Rocha** em parceria com seu orientador **Felipe Quintão de Almeida**, situam “REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO COM O SABER: A PRÁTICA PEDAGÓGICA COM A DANÇA AFRO-BRASILEIRA CÊNICA” – (DABC) (ROCHA; ALMEIDA, 2022), a partir de uma pesquisa de abordagem qualitativa e baseada em um estudo de caso de um trabalho docente com dança. A escolha ocorreu a partir de

um mapeamento feito na Secretaria Municipal de Educação de Vitória–ES em busca de professores(as) de Educação Física que atuassem com dança e as temáticas afro-brasileiras. O estudo de caso busca entender as relações de uma professora com as questões étnicas e, especialmente, com a DABC. A DABC é apresentada e a discussão no campo das questões étnico-raciais na Educação Física é situada. A teoria da relação com o saber proposta por Bernard Charlot ganha espaço para cotejar as observações feitas e aproximar aspectos das relações étnico-raciais evidenciados na DABC com as dimensões epistêmicas, sociais e identitárias.

No artigo “JOGAR FUTEBOL COMO UMA GAROTA: RELAÇÕES COM O SABER E OS ESTUDOS DE GÊNERO” (SILVA; MARTINS, 2022), **Bruna Saurin Silva** e **Mariana Zuaneti Martins** traçam uma analogia entre o fracasso escolar problematizado por Bernard Charlot e situações de fracasso vividas por meninas no futebol. As autoras realizam aproximações dialógicas entre os pressupostos da teoria da relação com o saber e os estudos pós-estruturalistas de gênero, sem renunciar à enunciação das interpelações políticas, normativas e institucionais. As autoras procuram evidenciar a importância de construir espaços plurais de participação no futebol, para enfrentamento dos discursos culturais que o caracterizam como uma atividade de contato agressiva e perigosa para as meninas.

Em “O EQUÍVOCO DO FRACASSO ESCOLAR: CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO COM O SABER A PARTIR DE PERSPECTIVAS INTERSECCIONAIS” (ANANIAS; ANANIAS, 2022), **Elisângela Venâncio Ananias** e **Maria Julia Venâncio Ananias**, as autoras nos apresentam um ensaio a respeito da noção de relação com o saber proposta por Bernard Charlot e interseccionalidade a partir de intelectuais negras como Kimberle Crenshaw e Patrícia Hill Collins. As autoras desafiam as/os/es leitoras/es a compreenderem as categorias emergentes dos contextos das referências em destaque, problematizam a produção das desigualdades sociais que interferem nas relações com o saber de crianças e jovens periféricos e das classes populares, que têm o fracasso escolar como categoria predominante. As autoras destacam o enfrentamento das ações de desigualdades da população negra, identificam a relação entre a formação da memória social do Brasil contemporâneo e a interseccionalidade entre gênero, raça e classe no interior das instituições educacionais, como marcadores que constroem argumentação epistemológica

de jovens negras e negros diante das desigualdades e discriminação racial e valorizam a emergência das políticas de ações afirmativas voltadas para socialização e mobilização das pessoas negras para resistirem ao apagamento de nossas histórias e memórias.

Isabela Muniz dos Santos Cáceres e **Daniela Auad**, relatam no artigo “DANÇA DO PASSINHO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: VISIBILIDADES NA CENA CURRICULAR PAULISTA” (CÁCERES; AUAD, 2022) os desafios para implementação da manifestação rítmica – Dança do Passinho – no currículo das aulas de Educação Física. As autoras identificam o preconceito atrelado às origens afrodescendentes e latina, além do preconceito de classe social. As autoras fundamentam suas argumentações nos estudos antirracistas, feministas e de gênero e realizam aproximações no campo da educação e da educação física escolar. Consideram que há docentes que realizam uma leitura negativa da Dança do Passinho atrelada a preconceitos de gênero e raça. Esse aspecto explicita a fragilidade e lacunas na formação bem como movimentos de resistências para enfrentamentos dos preconceitos.

Luciano Nascimento Corsino, Ana Paula Cecato de Oliveira, Bibiana Cardoso da Silva, Taise Tatiana Quadros da Silva, Bruna Dahm dos Santos, Melissa Osterlund Ferreira e **Daniel Santana de Souza** assinam a autoria do artigo: “EM DIREÇÃO À CONSTRUÇÃO DE UM CURRÍCULO ANTIRRACISTA NO CONTEXTO PANDÊMICO: ANÁLISE DE UM PROJETO INTEGRADOR” (CORSINO et al., 2022) e compartilham aspecto da construção didática de implementação do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena trabalhada em um projeto do ensino médio integrado. O projeto integrador reuniu componentes curriculares da área de linguagens e o de História, com a intenção de evidenciar as trajetórias de vida e de luta por justiça social de homens e mulheres negros/as e indígenas. Articularam questões de racismo, diversidade cultural e a complexidade interseccional no projeto. O projeto integrador ocorreu em contexto de pandemia e realizado em formato online. Evidenciou-se as possibilidades de construção de um currículo integrador, capaz de promover o diálogo com as culturas subalternas e reflexões críticas no ensino médio.

O artigo “A RELAÇÃO COM O SABER E AS INTERSECCIONALIDADES: DIÁLOGOS (AUTO)FORMATIVOS POR UMA EDUCAÇÃO FÍSICA DA (RE)EXISTÊNCIA” (BRUNO et al., 2022), é assinado pelo coletivo de professoras(es)-pesquisadoras(es) **Brena Dias Bruno**,

Yasmin Gonçalves, Iury Crislano de Castro Silva, Breno José Mascarenhas Sá de Flor, Emmanuelle Cynthia da Ferreira, Cyntia Emanuelle Souza Lima, Luiz Sanches Neto e Luciana Venâncio, que fundamentado nos elementos antropológicos da teoria da relação com o saber, exploram algumas maneiras de resistir e (re)existir, que remetem às idiossincrasias de sujeitos singulares e históricos. Situam aspectos que permitem enfrentar a barbárie do sistema social posto à prova por perversas formas que fomentam a necropolítica, o racismo, a homofobia, o machismo, sexismo, heteronormatividade e o especismo, temáticas de pesquisas das(dos)(es) autoras(es), que alertam para o desvelamento das diferentes facetas de uma educação física progressista para combater as injustiças sociais.

Adelice Pereira de Jesus, Kleonara Santos Oliveira, Edilane de Jesus Gomes e Maria Lúcia Porto da Silva Nogueira nos apresentam o artigo sob título “RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM ESTUDO ALTERNATIVO” (JESUS et al., 2022) e chamam a atenção para a quebra de barreiras de gênero por meio da elaboração do conhecimento. As mulheres reivindicam espaços na sociedade à medida que os movimentos sociais avançam e as formas de participação ativas nas decisões políticas para promover os rumos da história da humanidade e combater as injustiças. É dessa forma que construímos a equidade, resistimos aos preconceitos e às diferenças sexuais, raciais ou de classe social e compreendemos a importância de dialogar sobre a formação docente para o trabalho com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Professores(as) precisam estar atentos(as)(es) e preparados(as)(es) para o exercício reflexivo sobre o que se faz e pensa e ressignificar o ambiente escolar com a EJA.

As “RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E DE GÊNERO: IDENTIDADE DA MULHER NEGRA E PROFESSORA DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO NORDESTE DO PARÁ” (SANTOS; SIMÕES; PEREIRA, 2022) é o título do artigo das autoras **Raquel Amorim dos Santos, Adriana Souza Simões e Thyele Siqueira Pereira**, que analisam a construção da identidade de nove professoras negras paraenses que trabalham na Educação Básica. As autoras evidenciam os discursos mais expressivos e apontam que as identidades das professoras negras foram construídas em realidades sociais marcadas por relações de discriminação, racismo e segregação. A escola apresenta-se como um dos locais que reforça o racismo e a

discriminação vivenciados diariamente pelas professoras. As professoras explicitam que sofreram discriminações e preconceitos raciais ao longo de suas trajetórias e as fizeram valorizar e compreender a defesa de uma educação antirracista.

A resenha crítica do livro *Racismo, igualdade racial e políticas de ações afirmativas no Brasil* de Sarita Amaro, desenvolvida por **Cíntia Magno Brazorotto** “POLÍTICAS AFIRMATIVAS E INCLUSÃO EDUCACIONAL: AS COTAS RACIAIS NO BRASIL” (BRAZOROTTO, 2022), confere destaque ao contexto histórico da discriminação racial no Brasil, desde os primórdios da colonização até os atuais debates sobre a política de cotas, desconstruindo o mito de democracia racial, o qual proclamava não haver racismo no Brasil. A crítica aborda a complexidade da formação socioeconômica brasileira e os mecanismos de exclusão que relegaram a população negra aos patamares sociais mais empobrecidos e condições de vida mais precárias em relação à branca.

Esperamos que a leitura dos artigos de intelectuais das diferentes regiões brasileiras, possam inspirar novos modos e razões para enfrentar as mais diversas formas de desigualdade social e de gênero, discriminação racial, combate ao racismo, enfrentamento do sexismo, machismo, homofobia e barbárie, com vistas à promover a justiça social e colocar em evidência as interseccionalidades, as relações com o saber e as histórias, memórias e trajetórias de sujeitos negros e negras singulares.

Referências

ANANIAS, E. V.; ANANIAS, M. J. V. O equívoco do fracasso escolar: construção da relação com o saber a partir de perspectivas interseccionais. **Cenas Educacionais**, v.5, p.e11499, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11499>

BRAZOROTTO, C. M. Políticas afirmativas e inclusão educacional: as cotas raciais no Brasil. **Cenas Educacionais**, v.5, p.e11335, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11335>

BRUNO, B. D. et al. A relação com o saber e as interseccionalidades: diálogos (auto)formativos por uma educação física da (re)existência. **Cenas Educacionais**, v.5, p.e11943, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11943>

CÁCERES, I. M. S.; AUAD, D. Dança do passinho na educação física escolar: visibilidades na cena curricular paulista. **Cenas Educacionais**, v.5, p.e11911, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11911>

CORSINO, L. N. et al. Em direção à construção de um currículo antirracista no contexto pandêmico: análise de um projeto integrador. **Cenas Educacionais**, v.5, p.e12234, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/12234>

GARCIA, G. A. et al. É possível educar para as relações raciais? Analisamos as possibilidades pedagógicas em um curso superior de gestão. **Cenas Educacionais**, v.5, p.e11639, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11639>

JESUS, A. P. et al. Relações de gênero na educação de jovens e adultos e formação de professores: um estudo alternativo. **Cenas Educacionais**, v.5, p.e11472, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11472>

ROCHA, D. F. F.; ALMEIDA, F. Q. Reflexões sobre a relação com o saber: a prática pedagógica com a dança afro-brasileira cênica. **Cenas Educacionais**, v.5, p.e11832, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11832>

ROCHA, N. C. Mulheres como (re)existência em suas próprias realidades: uma intersecção com a memória e suas relações com o saber. **Cenas Educacionais**, v.5, p.e11503, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11503>

SANTOS, R. A.; SIMÕES, A. S.; PEREIRA, T. S. Relações étnico-raciais e de gênero: identidade da mulher negra e professora da educação básica no nordeste do Pará. **Cenas Educacionais**, v.5, p.e11913, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11913>

SILVA, B. S.; MARTINS, M. Z. Jogar futebol como uma garota: relações com o saber e os estudos de gênero. **Cenas Educacionais**, v.5, p.e11860, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/cenaseducacionais/article/view/11860>